

Sobre a Vida após a Morte

por C.G. Jung

O QUE TENHO a dizer a respeito do depois daqui, e a respeito da vida após a morte, consiste totalmente de memórias, de imagens que vivi e de pensamentos que me atingiram com vigor. Essas memórias de certa maneira estão subjacentes a todas as minhas obras; pois estas não passam fundamentalmente de tentativas, sempre renovadas, de proporcionar uma resposta à questão da interação entre o "aqui" e o "depois daqui". Não obstante, eu jamais escrevi algo expressamente sobre uma vida após a morte; pois, se o tivesse feito, eu teria tido que documentar as minhas idéias, e não disponho de nenhum meio para fazer isso. Seja como for, gostaria de colocar agora essas idéias.

Mesmo agora, não posso fazer nada além de contar histórias – "mitologizar". Talvez seja necessário estar-se próximo da morte para adquirir a liberdade necessária para falar sobre ela. Não é que eu deseje que nós tenhamos uma vida após a morte. Na verdade, eu preferiria não nutrir essas idéias. Ainda, devo declarar, para dar à realidade o que lhe é devido, que, sem que eu deseje ou faça qualquer coisa nesse sentido, pensamentos dessa natureza se agitam em meu interior. Não posso dizer se esses pensamentos são verdadeiros ou falsos, mas sei que eles lá estão, e posso dar a eles expressão se eu não os reprimir por algum preconceito. O preconceito mutila e fere o fenômeno pleno da vida psíquica. E sei muito pouco a respeito da vida psíquica para me sentir no direito ajustá-la por um conhecimento superior. O racionalismo crítico aparentemente eliminou, junto com tantas outras concepções míticas, a idéia da vida após a morte. Isso só pode ter ocorrido porque hoje a maioria das pessoas identifica-se quase que exclusivamente com a sua consciência, e imaginam ser apenas aquilo que sabem a respeito de si mesmas. E, contudo, qualquer um que tenha um conhecimento superficial de psicologia pode ver quão limitado é esse conhecimento. O racionalismo e o doutrinário são a doença de nosso tempo; eles pretendem dispor de todas as respostas.

Mas ainda será descoberta muita coisa que nossa presente visão teria considerado impossível. Nossos conceitos de espaço e tempo possuem uma validade apenas aproximada, e, portanto, há um amplo campo para desvios menores e maiores. Em vista de tudo isso, fico de ouvidos atentos aos estranhos mitos da psique, e olho com cuidado para os variados eventos que atravessam meu caminho, sem me importar se eles se encaixam ou não nos meus postulados teóricos.

Infelizmente hoje o lado mítico do homem é desprezado. Ele não pode mais criar fábulas. Como resultado disso muita coisa lhe foge, pois é importante e salutar falar também de coisas incompreensíveis. Essa conversa é como se contar uma boa história de fantasma, sentados perto da lareira e fumando cachimbo.

O quê os mitos ou histórias a respeito de uma vida após a morte realmente significam, ou que tipo de realidade existe por trás deles, certamente não o sabemos. Não podemos dizer se eles possuem alguma validade além de seu indubitável valor como projeções antropomórficas. Antes, devemos ter em mente com muita clareza que não existe nenhuma forma possível de chegarmos a uma certeza com respeito a coisas que ultrapassam nossa compreensão.

Não podemos visualizar um outro mundo regido por leis totalmente diferentes, porque vivemos em um mundo específico que ajudou a moldar nossas mentes e a estabelecer nossas condições psíquicas básicas. Estamos estritamente limitados por nossa estrutura inata e, portanto, limitados, por todo nosso ser e pensar, a esse nosso mundo. O homem mítico, com certeza, demanda um “ir além disso tudo,” mas o homem científico não pode permitir isso. Para o intelecto, toda minha mitologização não passa de especulação fútil. Para as emoções, contudo, constitui uma atividade curativa e válida; ela proporciona à existência uma graça da qual não gostaríamos de nos vermos privados. Tampouco existe uma boa razão para isso.

A parapsicologia sustenta que se trata de prova válida de um pós-vida o fato dos mortos se manifestarem – como fantasmas ou através de um médium – e comunicarem coisas de que somente eles poderiam ter conhecimento. Mas muito embora existam casos bem documentados dessa natureza, resta-nos ainda saber se o fantasma ou a voz é idêntico à da pessoa morta ou se se trata de uma projeção psíquica, e se as coisas ditas realmente se derivam do falecido ou de conhecimento que pode estar presente no inconsciente.¹

Deixando de lado os argumentos racionais contra qualquer certeza nesses assuntos, não devemos nos esquecer de que, para a maioria das pessoas, significa muito supor que suas vidas terão uma continuidade indefinida depois da sua atual existência. Elas vivem com maior sensibilidade, sentem-se melhores, e ficam mais em paz. Uma pessoa tem séculos, tem um período inconcebível de tempo à sua disposição. Para que então essa correria sem sentido?

Naturalmente, esse raciocínio não se aplica a todos. Existem algumas pessoas que não sentem nenhum anseio pela imortalidade, e que dão de ombros para a idéia de se sentarem em uma nuvem e ficarem tocando harpa durante dez mil anos! Existem também outras que foram tão castigadas pela vida, ou que sentem tal desgosto por sua própria existência, que preferem de longe a cessação absoluta à continuidade. Mas na maioria dos casos a questão da imortalidade é tão urgente, tão imediata, e também tão inextirpável que devemos fazer um esforço para compor algum tipo de visão sobre ela.

Mas como?

Minha hipótese é a de que podemos fazê-lo com a ajuda de pistas que nos são enviadas do inconsciente – em sonhos, por exemplo. Geralmente desprezamos essas pistas porque estamos convencidos de que a questão não é suscetível de ter uma solução. Em resposta a esse compreensível ceticismo, sugiro as seguintes considerações. Se há alguma coisa que não possamos saber, devemos necessariamente abandoná-la, tendo-a como um problema intelectual. Por exemplo, não sei por que razão o universo veio à existência, e jamais saberei.

Portanto devo abandonar essa questão tomando-a como um problema científico ou intelectual. Mas se me for oferecida uma idéia a seu respeito – em sonhos ou em concepções míticas – devo tomar nota disso. Eu deveria mesmo construir uma concepção com base nessas pistas, muito embora ela permaneça para sempre como uma hipótese que eu sei que não pode ser provada.

¹ Com respeito a “conhecimento absoluto” no inconsciente, cf. “Sincronicidade: Um Princípio Relacional Acausal,” em *A Estrutura e Dinâmica da Psiquê* (CW8, pp. 48-segs).

Um homem deveria poder dizer que fez seu máximo esforço para formar uma concepção da vida após a morte, ou para criar alguma imagem dela – mesmo que tenha que confessar seu fracasso. Não fazer isso é uma perda vital. Pois a questão que lhe é posta é a imemorial herança da humanidade: um arquétipo, rico em vida secreta, que procura acrescentar-se à nossa vida individual para poder torná-la completa. A razão cria fronteiras demasiado estreitas para nós, e gostaria de nos fazer aceitar apenas o conhecido – e também isso com limitações – para vivermos em uma estrutura conhecida, tal como se tivéssemos certeza de até que ponto a vida se estende. Na verdade, dia após dia nós vivemos muito além dos limites de nossa consciência; sem nosso conhecimento, a vida do inconsciente também está se dando dentro de nós. Quanto mais a razão crítica domina, tanto mais empobrecida se torna a vida; mas quanto mais o inconsciente, e quanto mais de mito somos capazes de tornar consciente, tanto mais de vida integramos. A razão supervalorizada tem isso em comum com o absolutismo político: sob seu domínio o indivíduo é empobrecido.

O inconsciente ajuda nos comunicando coisas, ou fazendo alusões figurativas. Detém outras formas, também, de nos informar de coisas que pela lógica não teríamos a possibilidade de tomar conhecimento. Considere os fenômenos sincronísticos, premonições, e sonhos que se tornam realidade. Lembro-me de uma ocasião, durante a Segunda Guerra Mundial, quando eu voltava de Bollingen para casa. Eu tinha comigo um livro, mas não conseguia ler, porque tão logo o trem começou a se movimentar fui tomado pela imagem de alguém se afogando. Tratava-se de uma memória de um acidente que ocorrera enquanto eu fazia o serviço militar. Durante todo o percurso eu não consegui me livrar dela. Parecia-me estranha e pensei, “O que aconteceu? Será que ocorreu algum acidente?”

Desci do trem em Erienbach e andei em direção à minha casa, ainda perturbado por aquela lembrança. Os filhos de minha segunda filha estavam no jardim. A família estava morando conosco, tendo retornado de Paris à Suíça por causa da guerra. As crianças estavam de pé olhando de forma alterada, e quando perguntei, “O que foi, o que aconteceu?” elas me disseram que Adrian, o mais novo dos garotos, havia caído na água no abrigo dos barcos. A água é muito profunda lá e como não sabia nadar, ele quase se afogou. Seu irmão mais velho conseguiu pescá-lo para fora. Isso havia ocorrido exatamente no momento em que eu fora tomado pela recordação no trem. O inconsciente havia me dado uma pista. Por que ele não poderia me informar também de outras coisas?

Tive uma experiência semelhante antes de uma morte na família de minha esposa. Sonhei que a cama de minha esposa era um poço profundo com paredes de pedra. Era um túmulo, e de alguma forma havia uma sugestão de antiguidade clássica sobre ele. Então ouvi um suspiro profundo, como se alguém estivesse entregando a alma. Uma figura que parecia minha esposa estava sentada no poço e flutuava de forma ascendente. Usava uma túnica branca em que havia curiosos símbolos negros. Despertei, chamei minha esposa, e verifiquei que horas eram. Eram três horas da manhã. O sonho fora tão curioso que pensei de imediato que ele poderia significar uma morte. Às sete horas da manhã chegaram as notícias de que um primo de minha esposa havia falecido às três horas da manhã.

Freqüentemente o pré-conhecimento está lá, mas não o reconhecimento. E assim certa feita tive um sonho em que estava participando de uma festa de jardim. Vi minha irmã lá, e aquilo me surpreendeu enormemente, pois ela morreria alguns anos antes. Um amigo meu falecido também estava presente. O resto eram pessoas ainda vivas. Vi

então que minha irmã estava acompanhada por uma senhora que eu conhecia muito. Mesmo no sonho eu cheguei à conclusão de que a senhora ia morrer. “Ela já está marcada,” pensei. No sonho eu sabia exatamente quem era ela. Sabia também que ela morava em Basel.

Mas tão logo acordei, não consegui, apesar de fazer todo o esforço, me lembrar de quem era ela, apesar do sonho ainda estar vívido em minha mente. Fiz um quadro mental de todas as pessoas que eu conhecia em Basel para ver se as imagens da memória iriam tocar o sino. Nada!

Algumas semanas mais tarde, recebi notícias de que uma amiga minha havia sofrido um acidente fatal. Soube de imediato que ela era a pessoa que eu vira no sonho, mas que fora incapaz de identificar. A imagem que eu tinha dela era perfeitamente clara e ricamente detalhada, pois fora minha paciente por um tempo considerável até um ano antes de sua morte. Em minha tentativa de me lembrar de quem era a pessoa do meu sonho, contudo, sua imagem era a que não aparecia em minha galeria de retratos de conhecidos de Basel, embora que, por direito, devesse ser uma das primeiras. Quando passa por experiências desse tipo - e descreverei outras como essas - a pessoa adquire certo respeito pelas potencialidades e artes do inconsciente. Deve-se, apenas, permanecer crítico e estar cômico de que tais comunicações podem possuir também um significado subjetivo.

Elas podem estar consoantes com a realidade, e podem também não estar. Aprendi, contudo, que as visões que pude compor a partir de tais pistas do inconsciente têm sido muito gratificantes. Naturalmente, não vou escrever um livro de revelações a esse respeito, mas devo reconhecer que tenho um “mito” que me encoraja a olhar mais profundamente para todo esse campo. Mitos são a forma mais antiga de ciência. Quando falo de coisas após a morte, estou falando a partir de uma estimulação interna, e não posso ir além de contar-lhes sonhos e mitos ligados a esse tema.

Naturalmente, pode-se questionar de saída que mitos e sonhos referentes à continuidade da vida após a morte não passam de meras fantasias compensatórias inerentes à nossa natureza - toda vida deseja a eternidade. O único argumento que posso apresentar em resposta a isso é o próprio mito.

Contudo, há indicações de que no mínimo uma parte da psique não está sujeita às leis do espaço e tempo. Prova científica disso tem sido fornecida pelos bem conhecidos experimentos de J. B. Rhine.² Junto com numerosos casos de pré-conhecimento espontâneo, percepções não-espaciais, e assim por diante - dos quais apresentei vários exemplos da minha própria vida - esses experimentos provam que a psique às vezes funciona fora da lei espaço-temporal da causalidade. Isso indica que nossos conceitos de espaço e tempo e, portanto, de causalidade também são incompletos. Um quadro completo do mundo exigiria o acréscimo de ainda uma outra dimensão; somente então poderia a totalidade dos fenômenos receber uma explicação unificada. Daí o racionalista insistir até hoje que experiências parapsicológicas realmente não existem; pois sua visão de mundo é seriamente afetada pela resposta que se dê essa questão. Se tais fenômenos acontecem, o quadro racionalista do universo é inválido, por se mostrar incompleto. Assim a possibilidade de uma outra realidade por trás do mundo fenomênico torna-se um problema inescapável, e devemos encarar o fato de que nosso mundo, com seu tempo, espaço e causalidade, relaciona-se com uma outra ordem de coisas por trás ou por baixo

² Extra-sensory Perception (Boston, 1934); The Reach of the Mind (New York, 1947).

dele, em que nem “aqui e agora” nem “mais cedo e mais tarde” têm importância. Estou convencido de que no mínimo parte de nossa existência psíquica é caracterizada por uma relatividade de espaço e tempo. Essa relatividade parece aumentar, em proporção à distância da consciência, em direção a uma condição absoluta de atemporalidade e a-espacialidade.

Não apenas meus próprios sonhos, mas também ocasionalmente os sonhos de outras pessoas, ajudaram-me a moldar, revisar ou confirmar minhas idéias de uma vida após a morte. Atribuo particular importância ao sonho que uma aluna minha, uma mulher de seus sessenta anos, teve uns dois meses antes de sua morte. Ela havia penetrado no além. Havia uma aula transcorrendo, e várias mulheres já falecidas, suas amigas, estavam sentadas no banco da frente. Uma atmosfera de expectativa generalizada era dominante. Ela olhava ao redor na busca de um professor ou palestrante, mas não encontrava ninguém. Então ficou claro que ela mesma era a palestrante, pois imediatamente após a morte as pessoas tinham que apresentar o balanço da experiência total de suas vidas. Os mortos estavam extremamente interessados nas experiências de vida que os recém-falecidos traziam consigo, exatamente como se os atos e experiências ocorrendo na vida terrena, no espaço e tempo, fossem os decisivos.

De qualquer maneira, o sonho descreve uma platéia das mais incomuns cuja composição dificilmente seria encontrada na terra: pessoas ardorosamente interessadas nos resultados psicológicos finais de uma vida humana que não foi notável em qualquer aspecto, não mais do que as conclusões que podiam ser dela extraídas – para nosso modo de pensar. Se, contudo, a “platéia” existisse em um estado de não-tempo relativo, onde “terminação”, “evento” e “desenvolvimento” tivessem se tornado conceitos questionáveis, as pessoas poderiam muito bem estar interessadas precisamente naquilo que faltava em sua própria condição.

Quando teve esse sonho a senhora tinha medo da morte e fez seu máximo esforço para defender-se de quaisquer pensamentos relativos a ela. Não obstante, a morte é um interesse importante, especialmente para uma pessoa em envelhecimento. Uma questão categórica está lhe está sendo colocada, e ela está na obrigação de respondê-la. Para isso a pessoa deveria dispor de um mito sobre a morte, pois a razão nada lhe mostra além do poço escuro ao qual está descendo. O mito, contudo, pode invocar outras imagens para ela, imagens úteis e enriquecedoras da vida na terra dos mortos. Se a pessoa acredita nelas, ou as recebe com alguma dose de crença, está sendo tão certa ou tão errada quanto alguém que não acredita. Mas enquanto o homem que desespera marcha em direção ao nada, aquele que depositou sua fé no arquétipo segue as trilhas da vida e vive direto para sua morte. Ambos, com certeza, permanecem na incerteza, mas um vive contra seus instintos, o outro vive com eles.

As figuras do inconsciente também são desinformadas, e precisam do homem, ou de contato com a consciência, para poderem chegar ao conhecimento. Quando comecei a trabalhar com o inconsciente, descobri-me muito envolvido com as figuras de Salomé e Elias. Elas então retrocederam, mas depois de uns dois anos reapareceram. Para minha enorme surpresa, estavam completamente inalteradas; falavam e agiam como se nada houvesse ocorrido no intervalo. Na verdade as coisas mais incríveis tinham ocorrido na minha vida. Tive, por assim dizer, de começar tudo de novo, para dizer a eles tudo o que estivera acontecendo e lhes explicar coisas. Na época, fiquei muito surpreso com essa situação. Somente mais tarde entendi o que acontecera: no intervalo, os dois haviam mergulhado de volta no inconsciente e em si mesmos – eu poderia da mesma forma dizer com adequação que eles mergulharam na atemporalidade. Eles permaneceram fora de

contato com o ego e com as circunstâncias mutantes do ego, e, portanto, ignoravam o que havia acontecido no mundo da consciência.

Muito cedo eu aprendera que me era necessário instruir as figuras do inconsciente, ou aquele outro grupo que é frequentemente indistinguível delas, os “espíritos dos falecidos”. A primeira vez em que experimentei isso foi em uma viagem de bicicleta pelo norte da Itália que fiz com um amigo em 1910. Na volta para casa pedalamos de Pavi a Arona, na parte inferior do Lago Maggiore, e passamos a noite lá. Pretendíamos pedalar ao longo das margens do lago e em seguida passar por Tessin e chegar a Faido, onde pegaríamos o trem para Zurique. Mas em Arona tive um sonho que alterou nossos planos.

No sonho eu estava em uma reunião de distintos espíritos de séculos anteriores; o sentimento era semelhante ao que tive mais tarde em relação aos “ancestrais ilustres” no templo de rocha negra da minha visão de 1944. A conversa era realizada em latim. Um cavaleiro com uma peruca longa, cacheada dirigiu-se a mim e formulou uma pergunta difícil, cuja essência não consegui lembrar depois de despertar. Eu o entendi, mas não tinha domínio suficiente da língua para responder-lhe em latim. Senti-me tão profundamente humilhado por esse fato que a emoção me fez despertar.

No exato momento do despertar lembrei-me do livro em que eu estava então trabalhando, Símbolos e Transformações da Libido, e tinha tais sentimentos de inferioridade em relação à questão não respondida que imediatamente peguei o trem para casa para voltar ao trabalho. Ter-me-ia sido impossível continuar a viagem de bicicleta e perder outros três dias. Eu tinha de trabalhar, para encontrar a resposta.

Foi somente anos mais tarde que entendi o sonho e minha reação. O empelucado cavaleiro era uma espécie de espírito ancestral, ou espírito dos mortos, que havia me dirigido perguntas – em vão! Era ainda muito cedo, eu ainda não tinha chegado tão longe, mas tinha um sentimento obscuro de que trabalhando em meu livro eu estaria respondendo à pergunta que me fora feita. Ela fora feita, por assim dizer, por meus antepassados espirituais, na esperança e expectativa de que aprenderiam o que não puderam descobrir durante seu tempo na terra, pois a resposta primeiro teria que ser criada nos séculos que se seguiram. Se pergunta e resposta já existissem na eternidade, sempre tivessem estado lá, nenhum esforço da minha parte teria sido necessário, e tudo poderia ter sido descoberto em qualquer outro século. Parece haver conhecimento ilimitado presente na natureza, é verdade, mas ele pode ser compreendido pela consciência apenas quando chega o momento certo. O processo, presumivelmente, é como aquilo que ocorre na psique individual: um homem pode passar muitos anos com uma suspeita de alguma coisa, mas só a capta claramente em um momento particular.

Mais tarde, quando escrevi os Sete Sermões aos Mortos, mais uma vez foram os mortos que me dirigiram questões cruciais. Eles vieram – assim o disseram – “de volta de Jerusalém, onde não encontraram o que procuravam.” Isso me surpreendeu enormemente na época, pois de acordo com os pontos de vista tradicionais, os mortos são possuidores de grande conhecimento. As pessoas têm a idéia de que os mortos sabem muito mais do que nós, pois a doutrina cristã ensina que no pós-vida nós deveremos “ver face a face”. Aparentemente, contudo, as almas dos mortos “sabem” apenas o que sabiam no momento da morte, e nada além daquilo. Daí seu esforço em penetrar na vida para compartilhar do conhecimento dos homens. Frequentemente tenho um sentimento de que eles estão bem atrás de nós, esperando para ouvir a resposta que vamos dar a eles, e que resposta vamos dar ao destino. Parece-me que é como se eles fossem dependentes dos vivos para receber respostas às suas questões, isto é, daquelas pessoas que sobreviveram

a eles e existem em um mundo de mudança; como se a onisciência, ou como eu poderia colocá-la, a oni-consciência, não estivesse à sua disposição, mas pudesse fluir apenas para a psique dos vivos, para um alma presa a um corpo. A mente do vivo parece, portanto, guardar uma vantagem em relação à dos mortos em no mínimo um ponto: na capacidade de atingir cognições claras e decisivas. Tal como o vejo, o mundo tridimensional no tempo e espaço é como um sistema de coordenadas; o que está aqui separado em coordenadas e abscissas pode aparecer “lá”, no não-espaço-atemporalidade, como uma imagem primordial com muitos aspectos, talvez como uma nuvem difusa de cognição cercado um arquétipo. Ao mesmo tempo um sistema de coordenadas é necessário para que seja possível qualquer distinção de conteúdos discretos. Qualquer operação desse tipo nos parece impensável em um estado de onisciência difusa, ou, como pode ocorrer, de consciência sem sujeito, sem demarcações espaço-temporais. A cognição, como a geração, pressupõe uma oposição, um aqui e lá, um acima e abaixo, um antes e depois. Se fosse para haver uma existência consciente após a morte, ela teria, assim me parece, que continuar no nível de consciência atingido pela humanidade, que em qualquer idade possui um limite superior, embora que variável. Existem muitos seres humanos que por todas as suas vidas e no momento de suas mortes ficam aquém de suas próprias potencialidades e – ainda mais importante – aquém do conhecimento que foi trazido à consciência por outros seres humanos durante suas próprias vidas.

Daí sua demanda por alcançar na morte aquela parcela de conhecimento que falharam em conquistar em vida.

Cheguei a essa conclusão pela observação de sonhos sobre os mortos. Sonhei uma vez que fazia uma visita a um amigo que morrera umas duas semanas antes. Em vida, esse amigo nunca desposara nada além de uma visão convencional do mundo, e permanecera preso em sua atitude irrefletida. No sonho sua casa ficava em uma montanha semelhante à montanha Tullinger perto de Basel. As paredes de um velho castelo cercavam uma praça consistindo de uma pequena igreja e algumas poucas construções menores. Ela me fazia lembrar da praça em frente do castelo de Rapperswil. Era outono. As folhas das antigas árvores haviam se tornado douradas, e toda a cena estava transfigurada por uma suave luz do sol. Meu amigo estava sentado a uma mesa com sua filha, que havia estudado psicologia em Zurique. Eu sabia que ela falava com ele de psicologia. Ele estava tão fascinado pelo que ela estava dizendo que me saudou apenas com um ligeiro aceno de mão, como que dizendo: “Não me perturbe.” A saudação era ao mesmo tempo uma despedida. O sonho me disse que agora, de uma maneira que de fato permanece incompreensível para mim, ele foi solicitado a perceber a realidade de sua existência psíquica, o que ele nunca fora capaz de fazer durante sua vida.

Tive outra experiência da evolução da alma após a morte quando – mais ou menos um ano após a morte de minha esposa – subitamente despertei uma noite e percebi que estivera com ela no sul da França, na Provença, e passara um dia inteiro com ela. Ela estava empenhada lá em estudos do Graal. Isso me pareceu significativo, pois ela morrera antes de finalizar sua obra sobre esse tema. A interpretação no nível subjetivo – de que minha alma ainda não terminara o trabalho que tinha a fazer – não fornecia nada interessante; sei muito bem que ainda não terminei com isso. Mas o pensamento de que minha esposa estava continuando após a morte a trabalhar em seu maior desenvolvimento espiritual – qualquer que seja a concepção disso – soou-me significativo e teve um significado de confirmação para mim.

Idéias desse tipo são, de fato, imprecisas e proporcionam um quadro errado, como um corpo projetado em um plano ou, inversamente, como a construção de um modelo

quadridimensional a partir de um modelo tridimensional. Elas usam os termos de um mundo tridimensional para se representarem para nós. A matemática passa por grandes dores para criar expressões para relações que ultrapassam a compreensão empírica. De forma muito parecida, é super-importante para uma imaginação disciplinada construir imagens de intangíveis por meio de princípios lógicos e com base em dados empíricos, ou seja, na evidência de sonhos. O método empregado é o que chamei de “método da afirmação necessária”. Ele representa o princípio da amplificação na interpretação de sonhos, mas pode ser mais facilmente demonstrado pelas afirmações implícitas em números inteiros simples.

O um, como o primeiro numeral, é unidade. Mas é também “a unidade,” o Uno, Total-(un)idade, individualidade e não-dualidade – não um numeral, mas um conceito filosófico, um arquétipo e atributo de Deus, a mônada. É totalmente adequado que o intelecto humano deva fazer essas afirmações; mas ao mesmo tempo o intelecto é determinado e limitado por sua concepção de unidade e suas implicações. Em outras palavras, essas afirmações não são arbitrárias. Elas são governadas pela natureza da unidade e, portanto, são afirmações necessárias. Teoricamente, a mesma operação lógica poderia ser realizada para cada uma das seguintes concepções de número, mas na prática o processo logo chega a termo por causa do rápido aumento em complicações, que se tornam demasiado numerosas para serem tratadas.

Cada unidade adicional introduz novas propriedades e novas modificações. Assim, é uma propriedade do número quatro que as equações de quarto grau podem ser resolvidas, ao passo que equações do quinto grau não podem. A afirmação necessária do número quatro, conseqüentemente, é a de que, entre outras coisas, é um ápice e simultaneamente o fim de uma ascendente anterior. Como com cada unidade adicional uma ou mais propriedades matemáticas aparecem, as afirmações atingem tal complexidade que não podem mais ser formuladas.

A série infinita de números naturais corresponde ao número infinito de criaturas individuais. Essa série de forma semelhante consiste de indivíduos, e as propriedades mesmo dos seus primeiros dez membros representam – se é que representam alguma coisa – uma cosmogonia abstrata derivada da mônada. As propriedades dos números são, entretanto, simultaneamente propriedades da matéria, razão pela qual certas equações podem antecipar seu comportamento.

Portanto sugiro que afirmações outras que as matemáticas (i.e., afirmações implícitas em natureza) são de forma semelhante capazes de apontar para realidades irrepresentáveis além de si mesmas – tais como, por exemplo, aqueles produtos da imaginação que desfrutam de aceitação universal ou são distinguidos pela freqüência de sua ocorrência, como toda classe de motivos arquetípicos. Da mesma maneira que no caso de alguns fatores em equações matemáticas dos quais não podemos dizer a que realidades físicas correspondem, o mesmo ocorre no caso de alguns produtos mitológicos dos quais não sabemos de início a que realidades psíquicas se referem. Equações que ditam a turbulência de gases aquecidos existiram muito antes dos problemas desses gases terem sido investigados com precisão. De forma semelhante, de há muito estamos na posse de mitologemas que expressam a dinâmica de certos processos subliminares, embora esses processos só houvessem recebido nomes em tempos muito recentes.

A máximo conhecimento que foi alcançado em qualquer lugar forma, assim me parece, o limite superior do conhecimento que os mortos podem alcançar. Talvez essa seja a razão

pela qual a vida terrena é de tão alto significado, e porque ocorre de aquilo que um ser humano traz consigo no momento de sua morte seja tão importante. Somente aqui, na vida na terra, onde os opostos se encontram, pode o nível geral de consciência ser elevado. Essa parece ser a tarefa metafísica do homem – que ele não pode levar a cabo sem “mitologizar.” O mito é o natural e indispensável estágio intermediário entre o inconsciente e a cognição consciente. É verdade que o inconsciente sabe mais do que a consciência; mas é o conhecimento de um tipo especial, o conhecimento na eternidade, geralmente sem referência ao aqui e agora, não expresso em linguagem do intelecto. Apenas quando nós deixamos suas afirmações amplificarem-se, como foi mostrado acima pelo exemplo dos numerais, ele entra na abrangência de nossa compreensão; somente então um novo aspecto se torna perceptível para nós. Esse processo é convincentemente repetido em toda análise de sonho bem sucedida. É por isso que é tão importante não ter nenhuma opinião preconcebida, doutrinária a respeito das afirmações feitas pelos sonhos. Tão logo uma “monotonia de interpretação” nos atinge, sabemos que nossa abordagem se tornou doutrinária e conseqüentemente estéril.

Embora não haja maneira de organizar prova válida da continuação da alma após a morte, existem não obstante experiências que nos deixam pensativos. Considero-as como pistas, e não pretendo atribuir a elas o significado de insights.

Uma noite eu estava deitado pensando na morte súbita de um amigo cujo funeral tivera lugar no dia anterior. Eu estava profundamente consternado. Subitamente senti que ele estava no quarto. Parecia-me que ele estava ao pé da minha cama e me pedia para ir com ele. Não tive o sentimento de uma aparição; antes, era uma imagem visual interna dele, que expliquei para mim mesmo como uma fantasia. Mas com toda honestidade tive de perguntar a mim mesmo, “Tenho alguma prova de que isso é uma fantasia? Suponha que não seja uma fantasia, suponha que o amigo realmente esteja aqui e resolvi que ele era somente uma fantasia – isso não seria um ato abominável da minha parte?” E ao mesmo tempo eu dispunha de poça prova de que ele ficou diante de mim como uma aparição. Então disse para mim mesmo, “A prova não está aqui nem lá! Em vez de explicá-lo como sendo uma fantasia, eu poderia muito bem conceder-lhe o benefício da dúvida e para fins de experimentação creditá-lo com realidade.” No momento em que tive esse pensamento, ele foi para a porta e acenou para mim para que o acompanhasse. Então eu ia ter que jogar com ele! Aquilo era uma coisa com a qual eu não contava. Tive de repetir meu argumento para mim mesmo mais uma vez. Somente então o segui em minha imaginação.

Ele me guiou para fora da casa, para o jardim, para a rua e finalmente para sua casa. (Na realidade ficava a várias centenas de jardas da minha.) Entrei, e ele me conduziu a seu estúdio. Subiu em uma banquetta e me mostrou o segundo de cinco livros de capa vermelha que estavam na segunda prateleira contando do alto para baixo. Então a visão se desfez. Eu não estava familiarizado com sua biblioteca e não sabia que livros ele possuía. Certamente eu jamais poderia ter lido lá de baixo os títulos dos livros que ela apontara para mim na segunda prateleira a partir do alto.

Essa experiência pareceu-me tão curiosa que na manhã seguinte fui até sua viúva e perguntei-lhe se poderia consultar um livro na biblioteca de seu marido. Com toda certeza, havia uma banquetta aos pés da prateleira tal qual a que eu estivera em minha visão, e muito antes de eu me aproximar pude ver os cinco livros de encadernação vermelha. Subi na banquetta para poder ver seus títulos. Eram traduções das novelas de Emile Zola. O título do segundo volume era “O Legado dos Mortos.” O conteúdo

pareceu-me de pouco interesse. Apenas o título era extremamente significativo em relação a essa experiência.

Igualmente importantes para mim foram as experiências dos sonhos que tive antes da morte de minha mãe. Notícias de sua morte me chegaram enquanto eu estava em Ticino. Fiquei profundamente chocado, pois elas chegaram totalmente de súbito, de forma inesperada. Na noite anterior à sua morte eu tivera um sonho assustador. Eu estava em uma floresta densa, sombria; rochas fantásticas, gigantescas jaziam em meio a enormes árvores de selva. Era uma paisagem heróica, primordial. Subitamente ouvi um assobio agudo que parecia ressoar por todo o universo. Meus joelhos tremeram. Então ocorreram ruídos em meio aos arbustos, e de seu meio irrompeu um cão-lobo gigantesco com uma mandíbula assustadora, escancarada. À sua visão o sangue gelou-me nas veias. Ele passou por mim e eu subitamente soube que o Caçador Selvagem havia mandado que ele levasse embora uma alma humana. Despertei mortalmente aterrorizado, e na manhã seguinte recebi as notícias do passamento de minha mãe.

Difícilmente um sonho me tocou tanto, pois à consideração superficial ele parecia dizer que o demônio a havia feito prisioneira. Mas, para ser preciso, o sonho dizia que fora o Caçador Selvagem, o "Grünhult", ou O que Usa o Chapéu Verde, quem havia caçado com seus lobos naquela noite – era a estação das tempestades Föhn em janeiro. Fora Wotan, o deus dos antepassados alemães, que havia reunido minha mãe aos seus ancestrais – negativamente à "horda selvagem," mas positivamente à "sälige lüt", o povo abençoado. Foram os missionários cristãos que transformaram Wotan em um demônio. Em si ele é um importante deus – um Mercúrio ou Hermes, como os romanos corretamente perceberam, um espírito da natureza que voltou à vida no Merlin da lenda do Graal e tornou-se, como o spiritus Mercurialis, o procurado arcanum dos alquimistas. Assim o sonho diz que a alma de minha mãe foi levada para aquele território maior do self que fica além do segmento da moralidade cristã, para aquela totalidade de natureza e espírito em que conflitos e contradições são resolvidos.

Fui para casa imediatamente, e enquanto viajava no trem noturno tive um sentimento de grande tristeza, mas o fundo do meu coração eu não podia estar de luto, e isso por uma estranha razão: durante toda a jornada eu ouvia continuamente música de dança, riso e regozijo, como se um casamento estivesse sendo celebrado. Isso contrastava violentamente com a impressão devastadora que o sonho me causara. Aqui havia música alegre para dançar, risos animados, e era impossível ceder totalmente à minha tristeza. Repetidamente isso chegou a ponto de quase me vencer, mas no momento seguinte eu me veria mais uma vez absorvido pelas alegres melodias. Um lado meu tinha um sentimento de calor e alegria, e o outro de terror e dor; eu era jogado para a frente e para trás entre essas emoções contrastantes.

Esse paradoxo pode ser explicado se supormos que em um momento a morte estava sendo representada do ponto de vista do ego, e no momento seguinte, do ponto de vista da psique. No primeiro caso a coisa aparecia como uma catástrofe; é como ela tão frequentemente nos atinge, como se poderes perversos e impiedosos tivessem posto fim a uma vida humana.

E assim é – a morte é realmente uma porção terrível de brutalidade; não há sentido em se pretender o contrário. Ela é brutal não apenas como um evento físico, mas muito mais psiquicamente: um ser humano é alijado de nós, e o que resta é a imobilidade gelada da morte. Não há mais nenhuma esperança de um relacionamento, pois todas as pontes foram destruídas de um só golpe. Aqueles que merecem uma vida longa são

suprimidos na flor da idade e gente que não serve para nada vive para colher uma idade avançada. Essa é uma realidade cruel que não temos nenhum direito de evitar. A experiência real da crueldade e arbitrariedade da morte pode nos amargar tanto ao ponto de nos levar a concluir que não existe um Deus misericordioso, não existe justiça e não existe bondade.

De um outro ponto de vista, contudo, a morte parece um evento alegre. À luz da eternidade, ela é um matrimônio, um *mysterium coniunctionis*. A alma alcança, por assim dizer, a metade que lhe falta, alcança a totalidade. Nos sarcófagos gregos o elemento alegre era representado por meninas bailarinas, nos túmulos etruscos por banquetes. Quando o piedoso cavalista Rabi Simão ben Jochai morreu, seus amigos disseram que ele estava celebrando seu casamento. Até hoje é hábito em muitas regiões se fazer um piquenique nos túmulos no dia de finados. Esses costumes expressam o sentimento de que a morte é realmente uma ocasião festiva.

Vários meses antes da morte da minha mãe, em setembro de 1922, tive um sonho que a anunciou. Ele se referia ao meu pai, e causou-me uma impressão profunda. Eu não sonhava com meu pai desde sua morte em 1896. Agora ele aparecia mais uma vez em um sonho, como se tivesse voltado de uma longa viagem. Parecia rejuvenescido e se despojara de sua aparência de autoritarismo paterno. Fui para minha biblioteca com ele, e fiquei muito contente com a perspectiva de descobrir o que ele estivera fazendo. Eu também esperava com particular alegria a oportunidade de apresentar a ele minha esposa e filhos, de mostrar-lhe minha casa e de contar-lhe tudo o que me acontecera e em que eu me tornara naquele intervalo. Eu queria também falar-lhe a respeito do meu livro sobre tipos psicológicos, que fora recentemente publicado. Mas rapidamente vi que tudo isso seria inoportuno, pois meu pai parecia preocupado. Aparentemente ele queria algo de mim. Senti isso com muita clareza, e assim me contive de falar sobre meus próprios interesses.

Ele então me disse que como eu era afinal de contas um psicólogo, ele gostaria de consultar-me a respeito de psicologia marital. Preparei-me para fazer-lhe uma longa explanação sobre as complexidades do casamento, mas nesse ponto acordei. Não consegui entender o sonho adequadamente, pois jamais me ocorreu que ele pudesse se referir à morte da minha mãe. Só entendi isso quando ela morreu subitamente em janeiro de 1923.

O casamento de meus pais não foi um casamento feliz, mas cheio provas e dificuldades e teste de paciência. Ambos cometeram os enganos típicos de muitos casais. Meu sonho foi um vaticínio da morte de minha mãe, pois aqui estava meu pai que, após uma ausência de vinte e seis anos, queria perguntar a um psicólogo as descobertas e informações mais recentes sobre problemas maritais, pois ele em breve teria de retomar seu relacionamento. Evidentemente ele não obtivera nenhuma melhor compreensão em seu estado atemporal e assim tinha de apelar para alguém entre os vivos que, desfrutando dos benefícios de novos tempos, poderia dispor de uma nova abordagem da questão.

Essa era a mensagem do sonho. Não resta dúvida de que eu poderia ter descoberto muito mais pesquisando seu significado subjetivo – mas por que tive esse sonho logo antes da morte da minha mãe, que não previ? Ele claramente se referia ao meu pai, em relação a quem eu senti uma simpatia que se aprofundou à medida que eu ficava mais velho.

Como o inconsciente, como resultado de sua relatividade espaço-temporal, possui melhores fontes de informação que a mente consciente – que só tem percepções sensoriais à sua disposição – dependemos para nosso mito de vida após a morte das míseras pistas proporcionadas por sonhos e revelações espontâneas semelhantes do inconsciente. Como eu já afirmei, não podemos atribuir a essas alusões o valor de conhecimento, muito menos de prova. Elas podem, contudo, servir de base adequada para amplificações míticas; elas proporcionam ao intelecto experimentante a matéria prima que é indispensável para a sua vitalidade. Extirpe o mundo intermediário da imaginação mítica e a mente se torna presa de rigidez doutrinária. Por outro lado, demasiado tráfico com esses germes de mito é perigoso para mente fracas e sugestionáveis, pois elas são levadas a tomar vagas insinuações por conhecimento substancial, e a hipostatizar meros fantasmas.

Um mito amplamente conhecido do além é formado pelas idéias e imagens centradas na reencarnação. Em um país cuja cultura intelectual é altamente complexa e muito mais antiga que a nossa – estou, de fato, me referindo à Índia – a idéia de reencarnação é tão aceita como certa como, entre nós, a idéia de que Deus criou o mundo, ou de que existe um espírito regente. Os indianos cultos sabem que nós não compartilhamos suas idéias a esse respeito, mas isso não os perturba. De acordo como o espírito do Oriente, a sucessão de nascimento e morte é vista como uma continuidade sem fim, como uma roda eterna girando para sempre sem uma meta.

O homem vive e alcança o conhecimento e morre e começa de novo do início. Somente com o Buda emerge a idéia de uma meta, nomeadamente a superação da existência terrena.

As necessidades míticas do ocidental exigem uma cosmogonia evolucionária com um princípio e uma meta. O ocidental rebela-se contra uma cosmogonia com um começo e um mero fim, da mesma forma que não pode aceitar a idéia de um eterno ciclo de eventos estático, autocontido. O oriental, por outro lado, parece ter a capacidade de chegar a bons termos com essa idéia. Aparentemente não há sentimento unânime a respeito da natureza do mundo, tanto quanto não há acordo geral entre os astrônomos contemporâneos sobre essa questão. Para o homem ocidental, a falta de significado de um universo meramente estático é intolerável. Ele precisa supor que ele tem significado. O oriental não precisa fazer essa hipótese; antes ele mesmo a encarna. Enquanto o ocidental sente a necessidade de completar o significado do mundo, o oriental aspira pela realização do significado no homem, despindo o mundo e a existência de si mesmo (Buddha).

Eu diria que ambos estão certos. O homem ocidental parece ser predominantemente extrovertido. O homem oriental, predominantemente introvertido. O primeiro projeta o significado e considera que ele existe em objetos; o último sente o significado em si mesmo. Mas o significado está em ambos, dentro e fora.

A idéia de renascimento é inseparável da idéia de carma. A questão crucial é do carma de uma pessoa ser pessoal ou não. Se for, então o destino preordenado com que um homem entra na vida representa uma aquisição de vidas anteriores, e existe, portanto, uma continuidade pessoal. Se, contudo, isso não ocorre, e um carma impessoal é investido na pessoa no ato do nascimento, então esse carma é novamente encarnado sem que haja nenhuma continuidade pessoal.

O Buda foi duas vezes questionado por seus discípulos quanto ao carma humano ser ou não pessoal. Em ambas as ocasiões ele desviou-se da questão, e não entrou no assunto; saber disso, disse ele, não contribuiria para a liberação da pessoa da ilusão da existência. O Buda considerou muito mais útil para seus discípulos meditar sobre a cadeia nidana, isto é, sobre o nascimento, a vida, a idade avançada e a morte, e sobre a causa e efeito do sofrimento.

Não sei a resposta para a pergunta do carma que eu vivo ser o resultado de minhas vidas passadas ou se antes ele não é uma aquisição dos meus ancestrais, cuja herança vem junto comigo. Sou uma combinação das vidas desses ancestrais e assim encarno novamente essas vidas? Já vivi antes no passado como uma personalidade específica e progredi até aqui naquela vida que agora posso buscar uma solução? Não sei. O Buda deixou aberta a questão, e eu gosto de presumir que ele mesmo não o sabia com certeza.

Eu poderia muito bem imaginar que eu poderia ter vivido em séculos pretéritos e lá ter encontrado perguntas que eu ainda não podia responder; que eu teria que nascer de novo porque não cumprira a tarefa que me fora incumbida. Quando eu morrer, meus atos seguirão junto comigo – é assim que o imagino. Trarei comigo o que fiz. No intervalo é importante eu me assegurar de não chegar ao fim de mãos vazias. O Buda, também, parece ter tido esse pensamento quando tentou evitar que seus discípulos desperdiçassem tempo com especulação inútil.

O significado da minha existência é que a vida me dirigiu uma pergunta. Ou, inversamente, eu mesmo sou uma pergunta que é dirigida ao mundo, e devo comunicar minha resposta, pois, do contrário, fico dependente da resposta do mundo. Essa é uma tarefa de vida suprapessoal, que cumpro somente com esforço e dificuldade. Talvez seja uma questão que preocupou meus ancestrais, e que eles não puderam responder. Poderia ser esta a razão de eu estar tão impressionado pelo fato da conclusão de Fausto não conter solução? Ou pelo problema que pôs Nietzsche a pique: o lado dionisíaco da vida, para o qual os cristãos parecem ter perdido o caminho? Ou é o inquieto Wotan-Hermes dos meus ancestrais alemães e francos que propõe enigmas desafiadores?

O que sinto ser resultante das vidas dos meus ancestrais, ou carma adquirido em uma vida pessoal anterior, poderia talvez ser igualmente um arquétipo impessoal que hoje faz intensa pressão em todos e exerce um controle particular sobre mim – um arquétipo tal como, por exemplo, o desenvolvimento ao longo dos séculos da divina tríade e sua confrontação com o princípio feminino; ou a resposta ainda pendente à questão gnóstica referente à origem do mal, ou, para colocar de uma outra maneira, a incompletude da imagem divina cristã.

Penso também na possibilidade de que por meio da realização de um indivíduo entra no mundo uma questão, à qual ele deve dar algum tipo de resposta. Por exemplo, minha forma de colocar a questão bem como minha resposta podem ser insatisfatórias. Sendo assim, alguém que tem o meu carma – ou eu mesmo – teria de renascer para dar uma resposta mais completa. Poderia ocorrer de eu não voltaria a nascer na medida em que o mundo não precisasse dessa resposta, e que eu tivesse direito a várias centenas de anos de paz até que alguém fosse de novo necessário para se interessar por essas questões e pudesse proveitosamente cuidar de novo da tarefa. Imagino que por um momento poderia sobrevir uma fase de repouso, até que a poupança que eu tivesse feito em meu tempo de vida precisasse ser retomada.

A questão do carma é tão obscura para mim como também o é o problema do renascimento pessoal ou da transmigração de almas. “Com uma mente livre e aberta” eu ouço atentamente a doutrina indiana da reencarnação, e olho em redor no mundo da minha própria experiência para ver se em algum lugar e de alguma maneira há algum sinal autêntico apontando para a reencarnação. Naturalmente, não incluo os testemunhos relativamente numerosos, aqui no Ocidente, a favor da crença na reencarnação. Uma crença só me prova o fenômeno da crença, não o conteúdo da crença. Esta, preciso ver revelada empiricamente para poder aceitá-la. Até poucos anos atrás não pude descobrir nada convincente a esse respeito, embora eu guardasse um olhar perscrutador para qualquer sinal dessa natureza. Recentemente, contudo, observei em mim uma série de sonhos que pareceriam descrever o processo de reencarnação em uma pessoa falecida das minhas relações. Mas nunca me defrontei com sonhos como esses em outras pessoas, e, portanto, não tenho base de comparação. Como essa observação é subjetiva e única, prefiro apenas mencionar sua existência e nada mais. Devo confessar, entretanto, que depois dessa experiência vi o problema da reencarnação com olhos um pouco diferentes, embora sem estar em uma posição que me permita declarar uma opinião conclusiva.

Se supusermos que a vida continua “lá”, não podemos conceber nenhuma outra forma de existência que não seja uma de natureza psíquica; pois a vida da psique não exige nem espaço nem tempo. A existência psíquica, e acima de todas as imagens internas com as quais estamos aqui lidando, fornece o material para todas as especulações míticas a respeito de uma vida no além, e imagino essa vida como uma continuidade no mundo das imagens. Assim a psique poderia ser aquela existência em que o além ou a terra dos mortos está localizada.

Do ponto de vista psicológico, a vida no além pareceria ser uma continuação lógica da vida psíquica da idade avançada. Com a crescente idade, a contemplação, e a reflexão, as imagens internas naturalmente desempenham um papel cada vez maior na vida do homem. “Seus velhos devem sonhar sonhos.”³ Isso, com certeza, pressupõe que as psiques dos velhos não tenham se enrijecido, ou ficado totalmente petrificadas – sero medicina paratur cum mala per longas convaluere moms.⁴ Na velhice começa-se a deixar as memórias se desenrolarem diante do olho da mente e, refletindo, reconhecer-se nas imagens internas e externas do passado. Isso é como uma preparação para uma existência no além, tal como, na visão de Platão, a filosofia é uma preparação para a morte.

As imagens internas impedem que eu me perca em retrospectão pessoal. Muitas pessoas idosas tornam-se demasiadamente envolvidas em sua reconstrução de eventos passados. Elas ficam aprisionadas nessas memórias. Mas se for reflexiva e se for traduzida em imagens, a retrospectão pode ser um reculer pour mieux sauter (recuar para saltar melhor). Tento enxergar a linha que leva da minha vida ao mundo, e para for a do mundo novamente.

Em geral, a concepção que as pessoas fazem do além é amplamente composta por pensamento desejoso e preconceitos. Daí que na maioria das concepções o além é retratado como um lugar agradável. Isso não me parece ser tão óbvio. Para mim é difícil pensar que após a morte nós seremos transportados a alguma agradável ravina cheia de flores. Se tudo fosse agradável e bom no além, seguramente haveria algumas

3 Atos 2:17; Joel 2:28

4 O remédio é preparado tarde demais, quando a doença fortificou-se pela longa demora.

comunicações amistosas entre nós e os espíritos bem-aventurados, e um derramamento sobre nós de bondade e beleza do estado pré-natal. Mas não há nada desse tipo. Por que há essa barreira insuperável entre os falecidos e os vivos? No mínimo a metade dos relatos de encontros com mortos fala de experiências aterrorizantes com espíritos obscuros; e é regra geral que a terra dos mortos observe um silêncio gélido, não perturbado pelo sofrimento dos desolados.

Seguindo o pensamento que involuntariamente me ocorre: o mundo, sinto, é demasiado unitário para haver um além em que a regra dos opostos esteja completamente ausente. Também lá está a natureza, que a seu modo também é a natureza de Deus. O mundo em que nós entramos após a morte será grande e terrível, como Deus e como toda a natureza que conhecemos. Nem posso conceber que o sofrimento devesse cessar inteiramente. Devo dizer apenas que o que experimentei em minhas visões de 1944 – liberação da carga do corpo, e percepção de significado – proporcionaram-me a mais profunda beatitude. Não obstante, havia trevas também, e uma estranha cessação de calor humano. Lembrem-se da rocha negra em que cheguei! Era escura e do mais duro granito. O que isso significa? Se não houvesse imperfeições, se não houvesse nenhum defeito primordial no solo da criação, por que haveria qualquer motivo para criar, qualquer desejo por aquilo que deve ser ainda cumprido? Por que os deuses teriam qualquer preocupação com o homem e a criação? Com a continuação da cadeia nidana até o infinito? Afinal de contas, o Buda opõe à visão dolorosa da existência o seu quod non, e o cristão espera pela rápida vinda do fim deste mundo.

Parece-me provável que no além, também, existem certas limitações, mas que as almas dos mortos apenas de gradualmente descobrem onde ficam os limites do estado liberado. Em algum lugar “lá fora” deve haver um determinante, uma necessidade condicionando o mundo, que busca por um termo ao estado pós-morte. Esse determinante criativo – assim o imagino – deve decidir quais as almas que se precipitarão de novo no nascimento. Certas almas, imagino, sentem o estado de existência tridimensional mais abençoado do que o de Eternidade. Mas talvez isso dependa do quanto de completude ou incompletude elas tenham levado consigo de sua existência humana.

É possível que qualquer encanto adicional da vida tridimensional não tenha mais significado uma vez que a alma haja alcançado certo estágio de compreensão; ela então não teria mais que retornar, uma compreensão mais plena tendo derrotado o desejo por reencarnação. Então a alma desvaneceria do mundo tridimensional e alcançaria o que os budistas chamam de nirvana. Mas se resta ainda um carma do qual se necessita livrar, então a alma recai novamente em desejos e volta à vida mais uma vez, talvez o fazendo pela percepção de alguma resta para ser completada.

No meu caso deve ter sido primariamente uma compulsão apaixonada por compreensão que produziu meu nascimento. Pois esse é o elemento mais forte em minha natureza. Esse impulso insaciável para o entendimento criou, por assim dizer, uma consciência para saber o que é e o que acontece, e para juntar as concepções míticas a partir das escassas pistas do incognoscível.

Falta-nos prova concreta de que qualquer coisa nossa seja preservada para a eternidade. Podemos no máximo dizer que existe alguma probabilidade de que algo de nossa psique continue existindo depois da morte física. Se o que continua a existir é consciente de si mesmo, também não o sabemos. Se sentimos a necessidade de formar alguma opinião sobre essa questão, poderíamos possivelmente considerar aquilo que tem sido aprendido a partir dos fenômenos de dissociação psíquica. Na maioria dos casos em que um

complexo de cisão psíquica se manifesta, ele o faz na forma de uma personalidade, como se o complexo tivesse uma consciência própria. Assim, as vozes ouvidas pelo insano são personificadas. Lidei muito tempo atrás com esse fenômeno de complexos personificados em minha dissertação de doutorado. Poderíamos, se quiséssemos, aduzir esses complexos como evidência de uma continuidade de consciência. Da mesma forma, a favor de um tal hipótese, enquadram-se certas observações surpreendentes em casos de síncope profunda após danos agudos ao cérebro e em estados graves de colapso. Em ambas as situações, a perda total de consciência pode ser acompanhada por percepções do mundo externo e vívidas experiências oníricas. Como a córtex cerebral, o trono da consciência, não está funcionando nesses momentos, ainda não há uma explicação para tais fenômenos. Pode haver evidência de haver, no mínimo, uma persistência subjetiva da capacidade de consciência – mesmo em um estado de aparente inconsciência.⁵

O problema espinhoso do relacionamento entre o homem eterno, o self e o homem terreno no tempo e no espaço foi iluminado em dois de meus sonhos.

Em um sonho, que tive em outubro de 1958, avistei de minha casa dois discos de brilho metálico na forma de lentes, que se moviam num estreito arco sobre a casa e caíam no lago. Eram dois OVNI's (objetos voadores não identificados). Então um outro corpo veio voando na minha direção. Era uma lente perfeitamente circular, como a objetiva de um telescópio. À distância de quatrocentas ou quinhentas jardas ele ficou imóvel por um momento, e em seguida saiu voando. Imediatamente após, um outro veio acelerando pelo ar: uma lente com uma extensão metálica que levava a uma caixa – uma lanterna mágica. À distância de sessenta ou setenta jardas ela ficou imóvel no ar, apontando direto para mim. Despertei com um sentimento de assombro. Ainda meio no sonho, passou por minha cabeça o pensamento: "Sempre pensamos que os ÓVNIS são projeções nossas. Agora revela-se que nós somos projeções deles. Sou projetado pela lanterna mágica como C. G. Jung. Mas quem manipula o aparelho?"

Sonhei uma vez antes sobre o problema do self (si mesmo) e do ego. Nesse sonho anterior eu estava fazendo uma viagem a pé. Andava por uma pequena estrada por uma paisagem montanhosa; o sol brilhava e eu tinha uma ampla vista em todas as direções. Cheguei então a uma pequena capela à margem do caminho. A porta estava entreaberta e entrei. Para minha surpresa não havia nenhuma imagem da Virgem no altar, nem qualquer crucifixo, mas apenas um maravilhoso arranjo de flores. Mas então vi que no chão em frente do altar, diante de mim, estava um iogue sentado – em posição de lótus, em meditação profunda. Quando olhei para ele mais atentamente, percebi que ele tinha meu rosto. Fiquei profundamente assustado, e despertei com o pensamento: "Aha, então é ele quem está me meditando. Ele tem um sonho, e estou nele." Eu sabia que quando ele despertasse eu não mais existiria.

Tive esse sonho após minha doença em 1944. É uma parábola: meu si mesmo retira-se em meditação e medita minha forma terrena. Para colocar de uma outra maneira: ele assume forma humana para entrar na existência tridimensional, como se alguém estivesse vestindo uma roupa de mergulho para poder mergulhar no mar. Quando renuncia à existência no além, o si mesmo assume uma postura religiosa, como mostra a capela no sonho. Em forma terrena ele pode passar pela experiência do mundo tridimensional, e por meio de uma maior consciência dar mais um passo da direção da realização.

5 Cf. "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle," in *The Structure and Dynamics of the Psyche* (CW 8), pp. 506

A figura do iogue, então, mais ou menos representaria minha totalidade inconsciente pré-natal, e o Oriente distante, como ocorre frequentemente em sonhos, um estado psíquico alheio e oposto ao nosso. Como a lanterna mágica, a meditação do iogue “projeta” minha realidade empírica. Via de regra, vemos essa relação causal ao inverso: nos produtos do inconsciente descobrimos símbolos de mandala, isto é, figuras circulares e quaternárias que expressam totalidade, e sempre que desejamos expressar a totalidade, empregamos justamente essas figuras. Nossa base é a consciência do ego, nosso mundo o campo de luz centrado no ponto focal do ego. Desse ponto olhamos para fora, para um mundo enigmático de obscuridade, nunca sabendo em que medida as formas sombrias que vemos são causadas por nossa consciência, ou se possuem uma realidade própria. O observador superficial está contente com a primeira hipótese. Mas o estudo mais acurado mostra que via de regra as imagens do inconsciente não são produzidas pela consciência, mas possuem uma realidade e uma espontaneidade própria. Não obstante, consideramos-las fenômenos meramente marginais.

O objetivo de ambos esses sonhos é o de levar a efeito uma inversão do relacionamento entre a consciência do ego e o inconsciente, e representar o inconsciente como o gerador da personalidade empírica. Essa inversão sugere que na opinião do “outro lado”, nossa existência inconsciente é a verdadeira e nosso mundo consciente uma espécie de ilusão, uma realidade aparente construída para um propósito específico, como um sonho que parece uma realidade na medida em que estamos nele. É claro que esse estado de coisas se guarda uma semelhança muito próxima do conceito oriental de Maya.⁶

A totalidade inconsciente, portanto, parece-me o verdadeiro *spiritus rector* de todos os eventos biológicos e psíquicos. Eis aqui um princípio que aspira por realização total – que no caso do homem significa a consecução da consciência total. A consecução da consciência é cultura no seu mais amplo sentido, e o auto-conhecimento é conseqüentemente o coração e a essência desse processo. Os orientais atribuí inquestionavelmente significado divino ao si mesmo, e de acordo com a visão cristã antiga o auto-conhecimento é a estrada para o conhecimento de Deus.

A questão decisiva para o homem é: está ele ligado a alguma coisa infinita ou não? Essa é a questão contundente da sua vida. Somente se soubermos que a coisa que realmente importa é o infinito podemos evitar fixar nosso interesse em futilidades, e em todos os tipos de metas que não são de importância real. Assim demandamos que o mundo nos conceda reconhecimento por qualidades que consideramos como posses pessoais: nosso talento ou nossa beleza. Quanto mais um homem dá ênfase a falsas posses, e menos sensibilidade tem por aquilo que é essencial, tanto menos satisfatória é sua vida. Ele sente-se limitado porque tem metas limitadas, e o resultado é inveja e ciúme. Se entendermos e sentirmos que aqui nesta vida já temos uma ligação com o infinito, desejos e atitudes mudam. Em última análise, só temos importância por causa do essencial que encarnamos, e se não o encarnamos, a vida é desperdiçada. Em nossos relacionamentos com outros homens, também, a questão crucial é se um elemento de infinitude se expressa no relacionamento.

O sentimento de infinitude, contudo, só pode ser alcançado se estivermos presos ao superior. A maior limitação para o homem é o “si mesmo”; ela está manifestada na experiência: “Sou somente isso!” Somente a consciência do nosso estreito confinamento ao si mesmo forma o elo com a não-limitação do inconsciente. Nessa consciência

⁶ Uma tendência de questionar o *locus* da realidade manifestou-se bem cedo na vida de Jung, quando ele ainda criança sentou-se sobre a pedra e brincou com a idéia de que a pedra estava dizendo, ou era, “Eu”. Cf. o conhecido sonho da borboleta em Chuang tzu – A.J.

experienciamo-nos concomitantemente limitados e eternos, tanto como um quanto como outro. A nos sabermos únicos em nossa combinação pessoal – isto é, em última instância, limitados – possuímos também a capacidade de nos tornarmos conscientes do infinito. Mas somente então!

Em uma era que se concentrou exclusivamente na ampliação do espaço vital e no aumento do conhecimento racional a todo custo, constitui um desafio supremo pedir ao homem que se torne consciente da sua unicidade e da sua limitação. Unicidade e limitação são sinônimas. Sem elas, nenhuma percepção do ilimitado é possível – e, conseqüentemente, também nenhuma chegada à consciência – meramente uma identidade ilusória com aquilo que toma a forma de intoxicação com grandes quantidades e uma avidez por poder político.

Nossa era mudou toda a ênfase para o aqui e agora, e assim produziu uma demonização do homem e seu mundo. O fenômeno de ditadores e toda a miséria que eles produziram brotam do fato de que o homem foi roubado de transcendência pela miopia dos super-intelectuais. Como eles, ele caiu vítima da inconsciência. Mas a tarefa do homem é o oposto exato disso: tornar-se consciente dos conteúdos que pressionam desde o inconsciente. Ele não deveria nem persistir em sua inconsciência, nem permanecer idêntico com os elementos inconscientes do seu ser, esquivando-se assim do seu destino, que é o de criar mais e mais consciência. Tanto quanto podemos discernir, o único propósito da existência humana é acender uma luz na escuridão do mero existir. Pode-se mesmo supor que justamente como inconsciente nos afeta, assim o aumento de nossa consciência afeta o inconsciente.

***** ***** *****

"As nações são criadas por poetas e artistas, não por mercadores e políticos. Na arte encontram-se os mais profundos princípios da vida." - Ananda Coomaraswamy